Capítulo VI

Camões cintila, empolga, amargura

Paulo entregou a Johan Cools 350 páginas manuscritas da tese. Durante os 15 dias de trabalho de Johan, leu sobre a Questão Judaica, aprendendo muito com Scholem mas preferindo Hannah Arendt, e escreveu sobre a sua própria tese no **Diário Incerto**:

O trabalho de análise, que, com os autores do mestrado tinha sido destrutivo dos textos – clarificar a opacidade implica esventrar o tecido textual –, aqui, sem deixar de decompor e, nesse sentido, destruir os versos, revelou-se-me construtiva. Como sempre, Camões faiscou em mim, empolgou-me, amargurou-me. Construía-me, elevando-me aos olhos de mim próprio. Subia a um verso de Camões e, além de ver o mar, via-me a mim próprio. Sempre atento a eventuais fragilidades metodológicas, compus as ligações entre os versos e os extractos explicativos, articulei conceitos e fiz associações de ideias. Tudo isto depois de estudar os materiais de alto a baixo e devagar. O esforço intelectual foi tal que chegava a matar a cabeça durante uma meia tarde para entender uma página particularmente complexa. No duro

trabalho de ler, pensar e compreender o difícil, procurei incessantemente a ordem e a clareza por trás da aparente confusão ou suprema densidade das ideias. Foram seis meses em que, como um animal – um animal intelectual –, voltei a trabalhar duro e forte treze a catorze horas por dia. E sabia e, ainda mais fundamente, sentia a ordem geral por trás da aparente desordem de todo o material que tinha recolhido.

Depois do frio e minucioso eintaken, o acalorado austaken, dois verbos muito do agrado do Neuer. Depois de tantas leituras de outros, comecei a escrever a tese com a vontade e a energia de "agora é a minha vez". Senti-me confiante com o claro mapa mental que traçara para chegar ao tesouro da tese. Durante seis meses e a três maços de tabaco por dia, para libertar o muito que tinha consigo, fiz uma escrita sem travões, prolixa, encaracolada de ideias. A caligrafia ~~saiu~~ saía-me da mão maior e mais inclinada para a frente do que o costume. Com o pensamento febril, a romper muito à frente das palavras, a ortografia manchava as páginas com erros que me prometia corrigir nas revisões.

Escrevi quatrocentas e cinquenta páginas de texto inaugural da tese. Tal como no fim do curso de comandos tinha de despejar a violência física que tinha absorvido, sentia agora absoluta urgência em deitar para fora o que tinha mentalmente amealhado com o estudo e a reflexão. Eintanken, austanken. As páginas velozes e atabalhoadas do texto corrido contrastavam com o rigor das citações e das notas de pé de página. Nestes ilhéus de calma, travando a velocidade do vento da escrita, o exercício de cópia fazia-me amainar. [Que poético, ~~meu~~ pá!]. Mas descansava pouco, como se tivesse medo de perder o objectivo. Obcecado, perseguia a tese como um Ahab.

A primeira versão do trabalho ficou dividida em duas partes e a uma conclusão. Na primeira parte, tratei de Camões como o poeta

da Natureza, que com tanta fragrância a canta; como o poeta da Terra, que canta sem artificialismo, porque
A verdade que eu canto, nua e pura,
Vence toda a grandíloqua escritura.
O poeta da terra e do mar, do céu, do ar, das tempestades, dos rios e ribeiros, dos prados e bosques, das montanhas verdejantes e dos montes feros e estéreis, das florestas, das selvas selvaggias. Depois do espaço real, feito de horizontalidade, explorei os espaços da verticalidade. Nesta segunda parte, circunscrevi e explorei os divinos espaços marinho e olímpico, os espaços míticos em particular, a Ilha dos Amores, o centro místico que é demandado – e o espaço conceptual, concretizado este no globo transparente que a deusa apresenta ao Gama. O globo, um modelo da máquina do mundo, sugeri-o como avatar de um buraco negro, onde todos os espaços – e tempos – se encontram. todo o tempo concentrados. Faltavam apenas a massa e a energia para...
E chegado aqui propus a conclusão aventureira – Camões estava poeticamente na senda que iria dar, quatro séculos depois, à física de Einstein e à matemática de Karl Schwarzchild.
Com esta sequência e concatenação dos espaços camonianos, viajei por dentro e por fora de mim. Interiormente, subi do pequeno fero e estéril monte até à primeira das onze esferas concêntricas com a Terra do espaço celestial. Aqui, no Empíreo, levado pela mão por Camões, deparei-me com a luz tão clara radiando por ser rodeada por Deus. A LUZ, ESSA SOMBRA DE DEUS.
Exteriormente, pela memória de Macau e da viagem no Niassa, acompanhei Camões e, a partir da Índia, também o Gama.

* * * * * * *

A tese, com 240 páginas computadorizadas, escritas e minuciosamente polidas em dois anos, foi aprovada, com grandes elogios, por

Feldmann e Neuer. A seguir ficou exposta, durante um mês, na sala de professores, para consulta e eventual crítica. O casal Possolo Lobo decidiu então aproveitar algum do tempo livre para o gastar em Berlim e Hamburgo. Em Berlim, hospedaram-se no Westin, na Friedrichstrasse, perto do Checkpoint Charlie. Deambularam pelo centro da cidade monumental – a Unter den Linden de tantos romances, a Staatsoper, Neue Wache, o altar da pátria alemã, a esverdeada cúpula da Dom, a torre de televisão da Alexanderplatz. Notaram que, pela cidade, se espalhavam cruzes brancas em memória dos alemães orientais mortos ao tentarem a fuga do «aldrabado paraíso comunista», como dizia Paulo, e também Stolpersteine, as placas no chão e na frente de prédios relativas a deportados judeus. Percebia-se que a cidade, alentada com a junção de Berlim Leste, renascia. Havia obras em todo o lado. Berlim era o maior estaleiro de obras da Europa.

Paulo e Iza flanaram pela longa *Ku'damm* e «a vida tornou-se numa coisa mesmo muito boa». O casal Possolo Lobo, de mão dada, resplandecia de felicidade. Em Berlim, Paulo manteve o hábito matinal dos jornais lidos em cafés, enquanto Iza dormia. No Einstein, na Unter den Linden, enquanto beberricava um péssimo café, leu no *FAZ*, um artigo-chave sobre a descristianização na defunta RDA. Para elevarem o comunismo a uma *Ersatzreligion,* o Partido Comunista chegou a tornar obrigatório «o inconcebível ridículo de chamar aos anjinhos de Natal *Jahresendflügelfiguren*, figuras esvoaçantes de fim de ano». E, para o ateísmo comunista ser absoluto, «até os caixões passaram a ser *Erdmöbel*, mobílias da terra».

No comboio para Hamburgo, atravessaram uma repetitiva paisagem desinteressante. Instalaram-se no Europäischer Hof, nas imediações da estação central da Deutsche Bahn. Um hotel bem alemão, desde a tradicional decoração *kitsch* aos empregados e hóspedes, quase todos exemplos acabados do Deutscher Michel. Paulo admirou a espectacular Hauptbahnhof, «especialmente à noite, quando a explosão de luzes a tornava a meus olhos numa enorme estação orbital».

Foram a St. Pauli. Calcorrearam a Reeperbahn da cerveja, do néon e «do pecado, aparentemente muito feliz, aliás», e no fim, viram pela primeira vez um cemitério judeu. O almocávar, sem cruzes, causou-lhes uma fortíssima sensação de estranheza. Sentiram-no como um espaço pesado de sentidos apesar de não ter – ou por isso mesmo – as capelas cemiteriais e a rica tumulária de grandes jazigos e elaboradas estelas dos cemitérios católicos. Um velho judeu que passava, vendo que observavam com respeito um grupo que rezava junto a uma campa, disse-lhes:

– *Shemá Yisrael!*

E seguiu o seu caminho. Paulo reparou como o rosto do velho era quase uma réplica do seu falecido avô Zé. «E algo antiquíssimo vibrou em mim.»

Na entrada da Speicherstadt, depararam-se, surpreendidos, com a estátua de Vasco da Gama, a par da de Colombo. «O Grande Vasco e o Trapalhão Cristóvão», disse Iza. O nervo patriótico de ambos deu sinal. Frente à AfrikaHaus, ficaram a observar o vidro e o aço da minimalista, fria, sofisticada, casa de notícias e comentários do jornalista alfa Rudolf Augstein. O número dessa semana de *Der Spiegel* publicava um texto, interessante no tema e muito bem desenvolvido, sobre Karl Lagerfeld, que Iza admirava. «Tratava das fotografias de arte que servem aquele *glamour* de travestis que tu detestas, e eu também, a que Susan Sontag chamou "Camp"», disse Paulo à sua mulher, que desprezava o cinismo da revista e por isso deixara de a ler.

Mais tarde, em Blankenese, já noite, viram, de repente, ao fundo da rua, passar silencioso e muito iluminado, um grande navio que subia o Elba.

– Parece a cena do filme de Fellini – disse, surpreendida, Iza.

* * * * * * *

Nenhum dos professores do Portugiesisch-Brasilianisches Institut se pronunciou contra a tese de Paulo, pelo que Feldmann e Neuer trataram da realização da prova oral. A *mündliche Prüfung* não seria, como em Portugal, a discussão do trabalho com um júri. Feldmann, com Neuer ao lado, voltou a falar da prova ao ainda doutorando:

– Como já sabe, não vai discutir a tese. Você é que estudou o assunto. Investigou a fundo, o júri não. Portanto, você sabe mais do assunto do que qualquer dos seis elementos do júri!

A lógica de ferro, intrinsecamente alemã. O modo português é que estava errado, visto que o júri, que não passou anos à volta do tema em discussão, se arvora em mais sabedor do que o doutorando.

– Mas, como também já sabe, vai haver várias discussões. Não vamos estar para ali a olhar uns para os outros. Discussões sobre os cinco temas, escolhidos por si entre os programas de Romanistik.

Despediram-se com um olhar de afecto contido. Feldmann atravessou a rua até às bicicletas. Tirou do bolso uma mola de madeira e arame, prendeu a calça direita com a mola, montou na velha e cuidada bicicleta e pedalou com uma agilidade inesperada.

Como tinha tempo e precisava de pensar, e como pensava melhor a caminhar, Paulo seguiu a pé para a Hauptbahnhof. Aqui, no meio do habitual bulício dos que chegam e partem, cirandavam imigrantes sem trabalho, pedintes, bêbados, drogados, prostitutas e *Obdachlose*. Estes faziam Paulo recordar o protagonista sem tecto do «quase desconhecido e estupendo romance *A Raiz e o Vento*, de Leão Penedo». Mas eram as caras da grande solidão feminina da meia-idade e da velhice que mais ressaltavam a seus olhos. «Impressionante o número de mulheres sós, muitas delas com cães e caras nas quais eu lia antigas libertinagens, drogas, derivas várias».

Depois da silenciosa viagem de comboio, chegado a Aachen, antes de ir para casa, dirigiu-se ao Egmont. Não pegou em jornais. Bebeu a habitual grande chávena de café fraco e ficou a olhar para as pessoas e a pensar. «Depois de já ter muito matutado no assunto,

decidi, sem hesitações, os cinco temas a discutir. *A Cidade e as Serras* e *The Sun Also Rises*, explorando as relações entre os paraísos de Tormes, no Douro, e de Burguete, no País Basco; o neo-realismo e *A Raiz e o Vento*; *Tentação*, de Clarice Lispector, com a menina e o *basset*, ambos ruivos, olhando-se profundamente e a reconhecerem-se como cara-metade um do outro; *Jornada de África*, de Manuel Alegre, em que aproveitaria a experiência de guerra, o que iria impressionar o júri, e a questão do estranho familiar, do *unheimlich,* de Freud; e *Ualalapi*, de Ungulani Ba Ka Khosa, que me serviria para tratar das relações entre a História e a Literatura.»

*

Paulo decidiu que atacaria a prova tal como tinha reagido à emboscada, ao pôr-do-sol, no Leste. Aguentar o primeiro carregador dos guerrilheiros e, de imediato, ir de frente, sem um passo atrás. «Só esperava não ter o azar de me encravar a arma, de ter uma branca gigante.» Ao contrário da emboscada, nesta prova já não podia, portanto, morrer porque a tese fora aprovada e até elogiada. Segundo as regras, só por ir à oral, um dez em 20 já tinha garantido. Mas podia ficar ferido. Ficaria muito ferido com um Suficiente, ferido de raspão com um Bom e escaparia ileso com um Muito Bom. «Ileso e valente só com o Excelente. Até rima.»

No dia anterior à prova oral, «a minha ansiedade chegou ao topo e por lá se manteve durante horas e horas. Como nos tiros em Angola, o pior era antes do ataque, quando se sente o coração nos ouvidos.» Para tentar descontrair, Paulo socorreu-se do Remédio Bocage para tristezas, tensões e ansiedades. Mas mesmo o seu favorito Manuel Maria não o conseguiu fazer rir. Mas sorriu leve com *Lá quando em mim perder a humanidade/mais um daqueles que não fazem falta,/.../sem ter dinheiro!*. A ansiedade atingiu o pico do topo dos nervos durante o quarto de hora antes de ser chamado para o julgamento no tribunal

académico. Tinha pela frente uma decisiva hora do Destino. No corredor, junto à porta da sala do júri, Iza, sempre ao lado do marido, estava nervosíssima. O amigo Johan Cools andava de um lado para o outro no corredor, com as mãos atrás das costas, fingindo calma, mas sem competência no desígnio. Quando o chamaram, «o peito tornou-se um balão pronto a rebentar. Dei passos de autómato até ao meu lugar. Apercebi-me de uma pequena mancha de público silencioso, imóvel e sentado. Sentei-me. Vi apoio nos olhos dos orientadores. E fiquei absolutamente calmo. *Souverän*, como me elogiava Feldmann, e mesmo Neuer, no fim dos poucos seminários em que eu tinha falado.»

A prova não correu bem a Paulo. Correu-lhe muito bem. Apesar de um erro no alemão aqui e ali, estava senhor de si. Enquanto decorria a prova, sorriu por dentro várias vezes, «precisamente as vezes em que me revia como Vasco Santana no papel do Vasquinho da Anatomia no exame». Terminada a prova, Paulo queria mais. Apeteceu-lhe continuar a sentir a absoluta calma que existe no olho do furacão. Em vez disso, teve de ir para o corredor enquanto o júri se reunia para discutir a nota. Iza fumava cigarros em cadeia. Johan esforçava-se por se manter calmo, mas era traído pelas mãos que se mantinham atrás das costas e não paravam de abrir e fechar. Paulo continuava dono de uma «calma irreal, quase de desinteressado, como várias vezes me acontecera na contraguerrilha. Nem sequer um SG Gigante fumei.»

A porta da sala de exame abriu-se e com ela o Destino. O júri postou-se, alinhado, à porta. O presidente, tendo atrás de si Feldmann, Neuer, os arguentes romanistas Siepmann e Baum e o professor não arguente, depois de um esticado momento de silêncio, anunciou:

– *Herr Doktor* Lobo..... *SUMA CUM LAUDE*!!!

Satisfeito com o suspense que tinha criado, o presidente do júri deu um aperto de mão ao novo Doutor e virou costas, reentrando na sala. Todos apertaram a mão a Paulo. Feldmann e Neuer ficaram no corredor, abrindo sorrisos, enquanto, de olhar inquisitivo,

investigavam a reacção de Paulo. Iza abraçou o marido, beijou-o e disse-lhe ao ouvido:

– Vencemos, meu amor!

– Sim, Bezelinha. *Nós* vencemos.

Paulo passou a mão no rosto de Johan, sentindo a vibração amiga dele. Cumprimentou os orientadores com dois rápidos abraços. Havia que manter uma certa compostura e a verdade é que nunca fora amigo de grandes abraços. «Incomodam-me as manifestações públicas de afecto. A própria palavra "afecto", usada sem contenção, irrita-me.» Agradeceu aos orientadores:

– Obrigado!

– Obrigado porquê?! Você, *Herr Doktor* Paulo Lobo, é que fez o trabalho. Uma bela tese – retorquiu Feldmann com um falso ar zangado.

A Universidade de Colónia outorgava-lhe o título de *Doktor der Philosophie*, o título alemão para Doutor em Letras. Uma extraordinária conquista para quem, até ao 7.º ano, não passou de um aluno «sempre à rasca e até com um chumbo. *Doktor*, Doutor a sério, com todas as letras, não um dr. à portuguesa.»

****

O luxo puro e duro, sem misericórdia. Iza dança no Wilde Renate

Iza e Paulo decidiram que a comemoração da grande vitória académica seria em grande. Em grande e, literalmente, à francesa. Um fim-de-semana na cidade à qual dedicavam um culto amoroso. Paris. No Ritz. Depois, iriam outra vez a Hamburgo e a Berlim. Nessa noite da decisão, o novo Doutor sonhou. A sucessão de imagens atabalhoadas contemplou Balzac e o *Papa Goriot*, Monet, Arsène Lupin,

Maigret e Pigalle, com *cocottes* e o Gafanhoto, o cachecol vermelho de Durand, Delon, *garçons* de uniforme preto e branco e Richard Anthony a cantar *Donne-moi ma chance*. «Para estragar o belo sonho, em que até saboreava a língua francesa, um quarteto de pesadelo – Sartre, Beauvoir, Aragon e Lacan.»

Foram de comboio para «a mais bela das cidades com música no coração», segundo Iza. Na viagem, leram passagens de *A Moveable Feast*, o clássico de Hemingway sobre a sua Paris. Na Gare du Nord, apanharam um táxi e saíram na Place Vendôme. Num dos quatro cantos da praça, o número 15. O Ritz. Ao entrarem no hotel, viram Alain Delon. O ídolo da adolescência de Paulo, ainda felino, acompanhado por uma beldade já a encanecer. Na recepção, à direita da entrada, um careca magro com um ar profissional de frieza simpática recebeu-os recitando:

– *Nous sommes ravis que vous ayez choisi de séjourner chez nous pendant votre visite à Paris.*

Deambulavam por ali árabes gordos, russos abrutalhados e sul-americanos gordurosos com chocalhantes pulseiras de ouro. Ficaram desiludidos com aquela mistela no mítico hotel. Só a caminho do quarto é que se depararam com dois casais *ritzy*. Os homens tinham o ar loiro distinto que inconscientemente se associa à nobreza e as mulheres, ambas *signé* Chanel, pareciam irmãs de Grace Kelly. No Deluxe Room, arrumada a bagagem pelo eficiente e discreto bagageiro, a quem deram dez francos, Paulo começou a experimentar a sensualidade que pode existir mesmo num tacto duro como o seu. A gramagem dos atoalhados, a doçura do papel de parede, os gobelins, os lençóis de algodão acetinado e o estupendo menu de travesseiros deram-lhe a dimensão exacta do que é viver com o conforto da riqueza de melhor bom gosto. Iza, uma especialista em tecidos, sorria das descobertas tácteis do marido:

– Gozavas comigo por causa dos «paninhos», pois ainda hás-de saber distinguir o cetim da fazenda!

Depois do minucioso e maravilhado exame ao quarto, deram uma volta pelo hotel. Passaram pelas *prestige suites* Duque de Windsor e Coco Chanel e entraram na longa Galerie des Tentations com famosos objectos de luxo, arte joalheira e *haute couture*. Iza fixou o desejo numa bolsa Gucci e começou a conversar com a empregada, com grande prazer e conhecimento perfeito da língua francesa. No Restaurant L'Espadon, apreciaram as artes de mesa francesa. Em pulgas para ir ao Bar Hemingway, virado para a Rue Cambon, Paulo disse à mulher para ir lá ter consigo.

As madeiras, o couro, as fotos e o busto de Hemingway, Graham Greene, «sempre a queixar-se que o martini não era suficientemente *dry*», ou Fitzgerald, o autor de *A Diamond as Big as the Ritz*, a embebedar-se, faziam Paulo absorver a magnificamente pesada carga literária do bar. «Sentei-me junto ao busto do meu velho modelo de homem. Pedi um Bloody Mary, que, segundo a lenda, o *barman* Bertin inventou para Hemingway. Pelo que já tinha visto do hotel, achei que o velho Hem estava mais que certo quando escreveu "*When you're in Paris, the only good reason for not staying at the Ritz is lack of Money*". O Ritz era o luxo do bom gosto mais puro e duro, sem misericórdia.»

Além do requinte, dos detalhes refinados e da espessura mítica do bar, a qualidade de serviço, de todo o hotel, aliás, era, se não arte, pelo menos uma forma de expressão artística. A qualquer desejo expresso, ouviam um «*D'accord, Monsieur!*» ou um «*D'accord, Madame!*». Agradava-lhes a expressão que mantinha a dignidade de quem servia, melhor, de quem estava de acordo em servir. Nenhum servilismo de bandeja como com turistas em Portugal.

Depois do Ritz, Paris. A *festa móvel* de Hemingway era agora do casal Possolo Lobo. Amor, saúde, dinheiro, estatuto e Paris. «Tínhamos tudo. Tudo se conjugando para a apoteose do amor conjugal. A felicidade pura existe. Estava connosco.»

*